



Revista Reflexão

ISSN: 2447-6803

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

LIMA, Anderson de Oliveira

Textos religiosos na cultura secular: características das Bíblias laicas a partir da análise do Salmo 2

Revista Reflexão, vol. 46, e214994, 2021

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

DOI: 10.24220/2447-6803v46e2021a4994

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=576567017001>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em [redalyc.org](http://redalyc.org)

redalyc.org  
UAEM

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa  
acesso aberto

# Textos religiosos na cultura secular: características das Bíblias laicas a partir da análise do Salmo 2

## *Religious texts in secular culture: features of the Secular Bibles from the study of the Psalm 2*

Anderson de Oliveira LIMA<sup>1</sup>



0000-0002-0039-1000

### Resumo

Nas próximas páginas será discutida a apropriação secular dos objetos religiosos nas culturas contemporâneas, dando destaque especial ao processo de secularização pela qual têm passado os textos bíblicos em algumas de suas novas edições. Serão apresentadas as análises de dois exemplos concretos: primeiro, a Bíblia Hebraica de Robert Alter, obra que só foi completamente publicada nos Estados Unidos em 2019; segundo, a Bíblia Grega de Frederico Lourenço, cujos volumes estão sendo publicados em Portugal e no Brasil desde 2016. Após a apresentação dos autores e de suas respectivas obras, dedicar-se-á à análise comparativa dos paratextos relativos ao Salmo 2 em ambas as edições, tomando-os como breves amostras que exemplificam como se tem feito a apropriação não-religiosa de uma literatura de conteúdo prioritariamente religioso nessas Bíblias laicas. Este trabalho é parte de um projeto de pesquisa que tem sido desenvolvido para o Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo.

**Palavras-chave:** Bíblia como literatura. Frederico Lourenço. Paratextos. Robert Alter. Septuaginta.

### Abstract

*In this text, we discuss the secular appropriation of religious objects in contemporary culture, paying special attention to the process of secularization of biblical texts in some of their new editions. We have two examples to show here: first, Robert Alter's Hebrew Bible, a work that was entirely published in the United States in 2019, and Frederico Lourenço's Greek Bible, whose volumes have been gradually published in Portugal and Brazil since 2016. After the presentation of the authors and their respective works, the paper brings our comparative analysis of some paratexts related to Psalm 2 in both editions, taking them as samples that exemplify how the non-religious appropriation of the religious literature works in this kind of secular Bible. This work is a part of a research project developed for the Graduate Program of Comparative Studies of Portuguese Literatures of Universidade de São Paulo.*

**Keywords:** Bible as literature. Frederico Lourenço. Paratexts. Robert Alter. Septuagint.

### Introdução

Jacques Berlinerblau definiu o secularismo como um compromisso com o pensamento crítico que nasceu para questionar o senso comum e as representações coletivas e ortodoxas, sejam elas de ordem

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua-Portuguesa. Av. Prof. Luciano Gualberto, 403, Butantã, 05508-010, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: <anderson\_lima@usp.br>.

religiosa, política ou científica (Berlinerblau, 2005). É nesse sentido que, nas próximas páginas, escrever-se-á sobre a secularização dos textos religiosos, sempre fazendo referência às atuais abordagens e apresentações desses textos que – sem ignorar o determinante papel das tradições e instituições religiosas em suas origens e na história de seus usos –, os tomam como patrimônios culturais de todos os homens e não como documentos sagrados e normativos que só dizem respeito a determinados grupos.

O modo secular de se apropriar de objetos produzidos originalmente para fins religiosos é bem conhecido: atualmente, é perfeitamente comum a visita a grandes e velhas catedrais sem qualquer intenção de culto, apenas para que seus aspectos artísticos ou arquitetônicos sejam admirados. Da mesma forma, não há nada que impeça um ateu de se emocionar nos corredores de um museu diante de uma pintura que, séculos atrás, servia mais a propósitos espirituais que estéticos. Como um exemplo mais concreto, tem-se o caso de dessacralização dos objetos religiosos dada pela atual atividade da *Sunday Assembly*, uma espécie de igreja secular sediada em Londres em que os frequentadores procuram tirar proveito de uma vivência eclesiástica (que inclui reuniões dominicais, palestras, música e a prática de ações sociais), mas que não exige adesão a nenhum conjunto de doutrinas nem a crença em qualquer divindade (Franco; Rodrigues, 2015).

O filósofo suíço Alain de Botton tratou dessa atual demanda secular em termos bastante pessoais no livro “Religião para ateus” (Botton, 2011): educado num lar “obstinadamente ateu”, ele declarou ter compreendido, já adulto, que sua resistência quanto às teorias religiosas não justificava sua negligência em relação às virtudes inerentes a muitas das criações do espírito religioso dos homens:

Ao desistir disso tudo, permitimos que a religião reivindicasse como seu domínio exclusivo áreas da experiência que deveriam pertencer a toda a humanidade – as quais não deveríamos ter vergonha de restituir ao campo secular [...] O desafio colocado diante dos ateus é como reverter o processo de colonização religiosa: como dissociar ideias e rituais das instituições religiosas que os reivindicaram, mas que não detêm verdadeiramente (Botton, 2011, p. 14).

O que motivou esta investigação não é nada além de um processo de secularização similar que se desenvolve ao redor de um objeto específico que tem sido alvo de interesse do autor na pesquisa acadêmica: a Bíblia. A apropriação laica desse grande conjunto textual que é sagrado para judeus e cristãos não nega a centralidade das temáticas religiosas de seus conteúdos, mas, partindo de lugares ideologicamente distintos, se concretiza nas abordagens da Bíblia como literatura (Magalhães, 2012), na produção de novas traduções (não realizadas por comissões religiosas), pela publicação de novas edições que modificam o livro material, e esteticamente, através da inserção de paratextos às margens que operam como dispositivos que conduzem o leitor a resultados interpretativos heterodoxos etc.

Em suma, vive-se atualmente um tempo em que a Bíblia – essa antologia de variegadas expressões humanas –, assume novas formas; ela passa a ser revisitada, relida, reinterpretada, outra vez traduzida, novamente publicada, e tudo é feito de uma perspectiva contemporânea através da qual as visões de mundo e as axiologias de povos antigos podem ser debatidas, usadas ou mesmo negadas sem que o crítico esteja sujeito a sanções impostas por velhas exigências religiosas.

Para uma breve e introdutória apreciação desse movimento de secularização da(s) Bíblia(s) serão trazidas, nas páginas seguintes, algumas análises parciais e comparativas de duas novas edições que, pelas características que têm em comum, são classificadas como Bíblias laicas. São elas: a Bíblia Hebraica de Robert Alter e a Bíblia Grega de Frederico Lourenço, publicações recentes e de grande peso para a história atual da leitura e recepção da Bíblia. Publicadas por editoras seculares dos Estados Unidos, Portugal e Brasil, essas Bíblias apresentam traduções inéditas e são produzidas por linguistas experientes,

estudiosos reconhecidos em suas carreiras acadêmicas, autores de obras críticas nas quais lidam com literaturas diversas, que não explicitam vínculos religiosos em suas produções e que, em suas muitas notas (ou comentários), tratam de questões linguísticas e históricas e problemas interpretativos e de intertextualidade, questionando com frequência os resultados das leituras religiosas que foram fixadas em suas respectivas culturas por influência das religiões.

Para que esses dois grandes livros pudessem ser apresentados de maneira mais direta dentro dos estreitos limites estabelecidos para esta pesquisa, o rigor nas delimitações fez com que o autor optasse metodologicamente por uma análise das respectivas versões do Salmo 2 de cada obra. A escolha não foi motivada por razões específicas; o objetivo foi fazer com que a passagem em questão servisse no corpo do estudo como uma amostragem aleatória, cuja análise não conduzisse a resultados pontuais, mas generalizáveis e, portanto, suficientemente representativos dos conteúdos das Bíblias elegidas como um todo. Nessa análise será dada ênfase ao estudo do material paratextual que ambas as Bíblias disponibilizam às margens do texto; isso é, as traduções serão lidas e as notas de rodapé serão consideradas, porções que servirão como evidências da apropriação secular que ambos os autores experimentaram.

## A Bíblia Hebraica de Robert Alter

A respeito de Robert Alter, professor de literatura hebraica e comparada na Universidade da Califórnia, parece seguro afirmar que não há nome mais importante a ser citado quando o assunto em pauta são os recentes estudos literários sobre a Bíblia. Evidentemente, a emersão dessas abordagens da Bíblia que são consideradas literárias devem ser atribuídas a fatores múltiplos e a influências de diversas disciplinas que, ao longo do século XX, experimentaram uma virada em seus paradigmas, sempre em direção às ciências da linguagem. Todavia, sem negligenciar o impacto inevitável do *new criticism* e do *close reading*, do formalismo russo e do estruturalismo, da semiótica, da virada linguística dos historiadores, etc., Steven Weitzman fez questão de atribuir a Robert Alter e a seu mais célebre livro, “A arte da narrativa bíblica” (Alter, 2007), uma posição de grande destaque nessa mudança de perspectiva nos estudos bíblicos das últimas décadas (Weitzman, 2007). Weitzman (2007) observou que “Pelas medidas mais convencionais – número de livros vendidos, críticas positivas, frequência de citações – é difícil imaginar um livro acadêmico mais bem-sucedido do que *A arte da narrativa bíblica de Alter*”, e acrescentou a suposição de que o livro de Alter já tenha vendido mais de 70 mil exemplares, “um número impressionante para um livro acadêmico” (p. 196, grifo meu, tradução minha)<sup>2</sup>.

O que diz esse livro para que tenha alcançado tamanho sucesso editorial e influência intelectual? Naquelas páginas Robert Alter definiu sua prática de leitura e deixou claro que um dos pressupostos de sua abordagem era a superação, no processo de análise literária, do preconceito que distanciava a Bíblia da literatura secular, as Escrituras das obras humanas, o texto sagrado da biblioteca profana:

Quando falo em análise literária, refiro-me às numerosas modalidades de exame do uso engenhoso da linguagem, das variações no jogo de ideias, das convenções, dicções e sonoridades, do repertório de imagens, da sintaxe, dos pontos de vista narrativos, das unidades de composição e de muito mais; em suma, refiro-me ao exercício daquela mesma atenção disciplinada que, por diversas abordagens críticas, tem iluminado, por exemplo, a poesia de Dante, as peças de Shakespeare, os romances de Tolstói (Alter, 2007, p. 28).

<sup>2</sup> No original: “By the most conventional measures – number of books sold, favorable reviews, frequency of citation – it is hard to imagine a more successful academic book than Alter’s *The Art of Biblical Narrative*” (Weitzman, 2007, p. 196).

O livro, apesar de seu alcance, chegou ao mercado editorial brasileiro com atraso pela editora Companhia das Letras, em 2007. Na época, Alter foi tema de uma coluna do jornal Folha de São Paulo que, no caderno dedicado às artes (Ilustrada), incluiu a análise de Fábio de Souza Andrade sobre a tarefa desempenhada por Alter em “A arte da narrativa bíblica”, em que se podia ler, por exemplo:

Crítico e ensaísta, leitor arguto de Kafka, Flaubert e Benjamin, professor na Universidade da Califórnia e hebraísta respeitado, o americano Robert Alter combinou os polos antigo e moderno de seu interesse, atribuindo a si mesmo tarefa tão espinhosa quanto essencial: a de ler o Antigo Testamento com olhos treinados para seu uso singular, complexo e perito dos recursos da narrativa de ficção, tomando a Bíblia como exemplo extremamente bem-sucedido, para dizer pouco, de organização literária da linguagem (Andrade, 2008, *online*).

Há décadas, portanto, o trabalho de Robert Alter tem sido visto não apenas como referência para os estudos literários da Bíblia Hebraica, mas também como paradigma para o trato secularizado da literatura religiosa (Britt, 2010). No Brasil, ainda que “A arte da narrativa bíblica” só tenha chegado em 2007 e nunca tenha se tornado um *best-seller*, a influência do autor já se fazia notar em trabalhos acadêmicos e através do “Guia literário da Bíblia”, obra que Alter organizou em parceria com Frank Kermode e que foi publicada pela editora Unesp (Alter; Kermode, 1997).

Aqui se imagina a enorme expectativa em torno da publicação de uma nova versão da Bíblia Hebraica que tenha sido traduzida (e comentada) pelo próprio Alter. O primeiro volume (“*Genesis: translation and commentary*” by Robert Alter) foi publicado em 1996. Depois disso o tradutor seguiu trabalhando e publicando, gradualmente, novas porções da Bíblia Hebraica (“*The David Story*” em 1999, “*The Five Books of Moses*” em 2004, “*The Book of Psalms*” em 2007, “*The Wisdom Books*” em 2010, “*The Former Prophets*” em 2013, “*Strong as Death is Love: The Song of Songs, Ruth, Esther, Jonah, and Daniel*” em 2015), colecionando experiência e premiações<sup>3</sup> até que, em 2019, finalmente pôde publicar a coleção completa em três volumes. Na bonita edição da *W. W. Norton & Company Inc.* (que reúne os três volumes encadernados em capa dura, ornamentados com sobrecapas que trazem a arte desenvolvida por Mordecai Ardon (1896-1992) para uma série de tapeçarias, numa caixa elegantemente decorada com detalhes dourados), a obra se anuncia, de maneira imodesta, como um verdadeiro marco; “a edição definitiva da Bíblia Hebraica”, “a primeira tradução literária da Bíblia Hebraica completa por um único autor”.

Por ocasião do lançamento da edição completa da Bíblia Hebraica de Robert Alter, o *New York Times* publicou um longo artigo recheado com perguntas (do autor, Avi Steinberg) e respostas (de Robert Alter) em dezembro de 2018. O título? “Após mais de duas décadas de trabalho, uma nova Bíblia Hebraica para rivalizar com a King James”. Conhecendo o papel determinante desempenhado por Alter desde “A arte da narrativa bíblica”, Avi Steinberg viu a nova Bíblia Hebraica como um investimento do autor para alcançar outros leitores dos mundos acadêmico e religioso; um empreendimento que, inegavelmente, opera acima e contra os “guardiões institucionais do texto”. Na matéria, o caráter dessacralizante da obra foi novamente destacado:

A maioria das versões mais populares da atualidade tem sido encomendadas por autoridades religiosas e executadas por seus comissionados, desenvolvidas para as necessidades utilitárias de seus congregantes – ou mais comumente de seus líderes. Elas não fazem grande esforço para representar a arte nem da língua hebraica nem da inglesa, muito menos a de ambos de uma só vez, como Alter procura fazer (Steinberg, 2018, *online*, tradução minha)<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Os primeiros volumes deram a Robert Alter o *PEN Center USA Literary Award for Translation* e o *Koret Jewish Book Award*.

<sup>4</sup> No original: “*Most translations, however, are more standardized. Of today's popular versions, most have been commissioned by religious authorities and executed by committee, designed for the utilitarian needs of their congregants – or more likely of their leaders. They make little effort to represent the artistry of either the Hebrew or the English languages, much less of both at once, as Alter tries to do*” (Steinberg, 2018, *online*).

É vasta e geralmente positiva a discussão nos meios de comunicação norte-americanos em torno do trabalho de Alter como tradutor. Sempre apresentando a nova Bíblia Hebraica em oposição à arcaica e influente King James, os críticos identificaram três objetivos norteadores do empreendimento: traduzir cada palavra do hebraico sem falsificações, manter o tom sério que é peculiar à literatura bíblica e providenciar uma coleção útil de comentários para o leitor (Dirda, 2004). Alter, sem dúvida, subscreveria o diagnóstico, acrescendo-lhe algumas palavras sobre estilística.

Na longa introdução que abre cada um dos três volumes de sua Bíblia, Robert Alter questiona o que chamou de “heresia da explanação”; o projeto clarificador que condiciona o processo de tradução da maioria das Bíblias modernas. Ele anuncia sua própria tradução como um experimento que visa apresentar a Bíblia “numa linguagem que transmita com alguma precisão as nuances semânticas e a vívida orquestração dos efeitos literários do hebraico e que, ao mesmo tempo, tenha integridade estilística e rítmica como literatura inglesa” (Alter, 2019, p. 13, tradução minha)<sup>5</sup>. Para ele, “uma versão inglesa adequada deveria evitar a todo custo a moderna abominação da elegante variação de sinônimos, pois a prosa literária da Bíblia gira em torno da repetição significativa, não da variação” (Alter, 2019, p. 27, tradução minha)<sup>6</sup>.

Para o leitor de língua inglesa interessado na Bíblia, não há dúvidas de que o que se apresenta na mencionada caixa é uma obra fundamental; uma publicação sem paralelos que convida a uma aventura completamente nova na leitura, estudo e fruição da literatura bíblica. Para os interesses desta pesquisa, a Bíblia Hebraica de Robert Alter é atraente por ter sido produzida para um público amplo que inclui leitores que possivelmente nunca se interessariam pela Bíblia enquanto a vissem como produto cultural cujo uso se limita às práticas religiosas. Noutras palavras, chegou-se a ela graças ao desejo de conhecer essa Bíblia secular, característica que, supõe-se, se evidencia à medida que o leitor se debruça sobre seu conteúdo paratextual.

Neste artigo trabalha-se com duas Bíblias diferentes e é bom dizer que a análise comparativa que é proposta não pretende conduzir o leitor a um juízo de tipo melhor/pior. Deve ser levado em conta mais uma vez que Alter traduz a Bíblia Hebraica, o texto sagrados dos judeus, que parte principalmente dos manuscritos hebraicos do chamado “Texto Massorético”; enquanto que Frederico Lourenço, por sua vez, oferece uma tradução da Bíblia Grega, obra singular que reúne os textos do Novo Testamento (sagrado para os cristãos) e os textos da Septuaginta. Ou seja, embora ambas sejam chamadas de Bíblia, é preciso reconhecer que são obras distintas; coleções textuais diferentes em vários níveis, que se aproximam como amostras materializadas do contemporâneo interesse secular pelos antigos textos religiosos, dando a entender, em ambos os casos, que os tradicionais rótulos que procuram distinguir os textos sagrados/canônicos dos demais (textos seculares) têm perdido parte de seu valor normativo.

Passando à análise, faz-se algumas poucas observações sobre a introdução aos Salmos escrita pelo tradutor Robert Alter: antes dos textos bíblicos propriamente ditos, a Bíblia Hebraica oferece ao leitor, em cada um dos seus três volumes, a mesma “Introdução à Bíblia Hebraica”. No terceiro deles, dedicado exclusivamente aos Escritos, lê-se primeiro uma introdução específica a essa terceira seção do cânone judaico, seguida de uma página de agradecimentos e de um mapa do antigo Israel – que ajuda o leitor na localização dos principais endereços citados ao longo da literatura bíblica. Então, anunciam-se os Salmos e o leitor tem que folhear uma nova introdução que está dividida em subseções: (I) Contexto

<sup>5</sup> No original: “In a language that conveys with some precision the semantic nuances and the lively orchestration of literary effects of the Hebrew and at the same time has stylistic and rhythmic integrity as literary English” (Alter, 2019, p. 13).

<sup>6</sup> No original: “A suitable English version should avoid at all costs the modern abomination of elegant synonymous variation, for the literary prose of the Bible turns everywhere on significant repetition, not variation” (Alter, 2019, p. 27).

histórico, (II) Redação do livro, (III) A poesia dos salmos, (IV) O desafio de traduzir os salmos e (V) O texto dos salmos.

Essa introdução aos Salmos traz um conteúdo técnico de interesse histórico ou linguístico, menciona os problemas de datação, as possíveis aproximações entre os salmos bíblicos (seus temas e imagens) com a literatura pagã anterior e não hesita ao afirmar que a tradicional atribuição de muitos desses salmos a Davi não possui qualquer fundamento histórico credível (Alter, 2019). A introdução ainda passa pelas peculiaridades da poesia bíblica e faz comparações pontuais entre diferentes versões da Bíblia em língua inglesa para que os critérios adotados pelo tradutor sejam conhecidos. Um dos dados importantes ali compartilhados é que Alter diz sempre optar por uma tradução “conservadora na adoção de melhorias”. Quanto a isso, ele anuncia: “Ocasionalmente, quando o trecho parecia demasiadamente extravagante e nenhuma melhoria viável estava disponível, eu realmente reproduzi a incoerência do texto hebraico em minha tradução, explanando pontualmente as dificuldades no meu comentário” (Alter, 2019, p. 25, tradução minha)<sup>7</sup>.

Tem-se, a seguir, a leitura da tradução do Salmo 2 da Bíblia Hebraica de Robert Alter, a qual foi transcrita abaixo em sua língua original:

- <sup>1</sup> *Why are the nations aroused,  
and the peoples murmur vain things?*
- <sup>2</sup> *Kings of the earth take their stand,  
and princes conspire together?  
against the LORD and against His anointed.*
- <sup>3</sup> *“Let us tear off their fetters,  
let us fling away their bonds!”*
- <sup>4</sup> *He Who dwells in the heavens will laugh,  
the Master derides them.*
- <sup>5</sup> *Then will He speak to them in His wrath,  
in His burning anger dismay them:*
- <sup>6</sup> *“And I – I appointed My king  
on Zion, My holy mountain.”*
- <sup>7</sup> *Let me tell as is due of the LORD.  
He said to me: “You are My son.  
I Myself today did beget you.*
- <sup>8</sup> *Ask of me, and I shall give nations as your estate,  
and your holding, the ends of the earth.*
- <sup>9</sup> *You will smash them with a rod of iron,  
like a potter’s jar you will dash them.*
- <sup>10</sup> *And now, O you kings, pay mind,  
be chastened, you rulers of earth.*
- <sup>11</sup> *Worship the LORD in fear,  
and exult in trembling.*
- <sup>12</sup> *With purity be armed,  
lest He rage and you be lost on the way.  
For His wrath in a moment flares up.  
Happy, all who shelter in Him (Alter, 2019, p. 28).*

<sup>7</sup> No original: “Occasionally, when the stretch seemed too extravagant and no viable emendation was available, I have actually reproduced the incoherence of the Hebrew in my translation, duly explaining the difficulties in my commentary” (Alter, 2019, p. 25).

Peculiaridades da tradução são mais perceptíveis, evidentemente, a leitores que têm a língua inglesa como língua materna e estão acostumados à leitura de outras versões tradicionais no idioma. Para responder às questões levantadas neste artigo sobre as apropriações secularizadas da tradição bíblica, todavia, será mais útil – metodologicamente –, partir diretamente aos paratextos; à análise das notas acrescidas pelo tradutor. Lendo as notas escritas por Alter no rodapé do Salmo 2 será possível ver que o livro aguarda leitores interessados em questões literárias e históricas. Para este artigo, porém, desse material marginal serão extraídas informações sobre os interesses que movem o tradutor/autor, sobre a prática de leitura que ele idealiza e, de modo especial, como seus interesses se voltam a questões que nada têm a ver com as tradicionais hermenêuticas religiosas.

A primeira nota de Alter sobre o Salmo 2 diz respeito à primeira linha do Salmo. O autor afirma com poucas palavras que o texto parece ter sido escrito a propósito de alguma circunstância histórica específica, mas que têm sido inúteis as tentativas de identificar e datar essas circunstâncias. O tradutor, em vez de insistir em hipóteses frágeis que tentariam relacionar o texto a algum momento da história de Israel – como se a contextualização do Salmo fosse decisiva para a leitura –, contenta-se em dizer o que está explícito: que o narrador parece desenhar um cenário (incomum, até mesmo improvável na história de Israel) em que Judá parece exercer certo domínio sobre nações que lhe estão próximas. O texto trata de uma espécie de aliança rebelde entre esses povos hipoteticamente subjugados, ação que buscará ridicularizar e desmotivar. Assim, embora o valor retórico do segundo Salmo seja notável, a abordagem sugerida desestimula uma crítica histórica e deixa que a falta de conexões da argumentação com qualquer realidade histórica estimule uma apropriação incomum nas práticas de leitura bíblica: a leitura de uma ficção.

No final do segundo versículo o texto bíblico apresenta a figura de um “ungido de Deus” (*His anointed*). Não é preciso dizer que o olhar cristão, quando se depara com esse epíteto nada raro no Antigo Testamento, vê-se tentado a ler o texto pré-cristão como uma espécie de referência profética a respeito de Jesus Cristo. Robert Alter, nesse caso, nega qualquer possível implicação escatológica ou cristológica ao afirmar que o termo hebraico *mashiah* foi claramente usado nesse ponto em seu sentido político, “[...] como a designação do atual herdeiro legítimo da dinastia davídica” (Alter, 2019, p. 28, tradução minha)<sup>8</sup>. Caminho interpretativo semelhante ele trilha no versículo 7 (*You are My son. I Myself today did beget you*), dizendo que “Apesar das leituras cristológicas desse verso ao longo dos séculos”, o que se tem é uma imagem comum no antigo Oriente em que o rei é visto como um “filho de Deus”, e arremata: “A ênfase hebraica desse conceito parece ser mais política do que teológica” (Alter, 2019, p. 29, tradução minha)<sup>9</sup>.

Quando o salmista, dando voz a Deus, fala no versículo 6 do rei que foi nomeado no monte Sião, a “montanha santa”, Alter comenta, de forma um tanto irônica, que “Sião é uma modesta montanha em cujo cume se assenta uma modesta cidade fortificada, a capital de um reino relativamente pequeno, cercado por vastos impérios” (Alter, 2019, p. 29, tradução minha)<sup>10</sup>. Ele ressalta a ousadia do paradoxo “geo-teológico” dos salmistas que imaginam ser essa pequena localidade a cidade escolhida por Deus para exercer o papel de capital daquela que ambicionava ser a “rainha das nações”.

Nas notas seguintes o tradutor faz breves apontamentos de ordem interpretativa (tratando do sentido bético dado ao objeto que poderia ser o “cetro” do governante, no versículo 9) e estrutural (quando compara a molduras o convite por atenção dirigido aos reis no versículo 10 e as perguntas que, no começo do Salmo, são feitas aos mesmos narratários).

<sup>8</sup> No original: “[...] as the designation of the legitimate current heir to the Davidic dynasty” (Alter, 2019, p. 28).

<sup>9</sup> No original: “The Hebrew emphasis of this concept seems to be more political than theological” (Alter, 2019, p. 29).

<sup>10</sup> No original: “Zion is a modest mountain on the crest of which sits a modest fortified town, the capital of a rather small kingdom, surrounded by vast empires” (Alter, 2019, p. 29).

A última intervenção paratextual de Robert Alter no Salmo 2 lida com uma questão mais técnica. Tem-se uma nota dedicada a explicar a tradução incomum dada à linha que abre o versículo 12. As Bíblias geralmente apresentam nesse ponto um convite para que os reis das nações hipoteticamente subjugadas “beijem o filho” (de Deus), o rei eleito que vive no monte Sião, o que se trataria de um gesto simbólico que, no interior do Salmo, se faz entender como sinal de sujeição, de aceitação de sua condição servil. A versão de Alter, por sua vez, diz algo como “Com pureza estejam armados” (*With purity be armed*) (Alter, 2019, p. 30), e o tradutor argumenta em favor de suas escolhas dizendo que o verbo hebraico nashqu pode ser tanto “beijar” quanto “armar”, pelo que ele, escolhendo a segunda alternativa, trocou a vocalização do “Texto Massorético” que, em meados do século X, inseriu as vogais no texto bíblico que era originalmente consonantal. Nesse caso, uma pequena vogal inserida tardiamente na tradução manuscrita e que induz os tradutores a ler bar (filho) pôde ser substituída por outra, que resultou em bor (pureza) (Alter, 2019).

Em resumo, as notas de Robert Alter:

- Convidam a uma abordagem literária que independe de precisas datações e que se contenta com a possibilidade de que o cenário elaborado pelo narrador seja ficcional;
- Negam toda forma de apropriação cristológica do personagem messiânico desenhado pelo salmista;
- Expõem a implausível mundividência do judeu que imaginou que a modesta Jerusalém poderia ser o centro do mundo;
- Abordam problemas próprios da linguagem bíblica, características formais e preferências do tradutor.

O que se conclui é que a leitura sugerida pela Bíblia Hebraica de Robert Alter, em nenhum dos comentários paratextuais observados, convida o leitor a aceitar o texto lido como “Palavra de Deus”, nem espera a aceitação de seus pontos de vista e concordância com o seu modo de ver o mundo. Em nenhum momento o texto bíblico é tomado como objeto secundário, como meio de se chegar ao passado histórico ou de conhecer a Deus, mas como o único objeto de interesse do leitor. Essas características levam à afirmação de que a publicação coloca o leitor diante de uma coleção de livros religiosos que se destinam a usos literários, acadêmicos e seculares, o que não impede, evidentemente, que outras práticas de leitura sejam empreendidas a partir dela.

## A Bíblia Grega de Frederico Lourenço

O tradutor da Bíblia Grega, embora não seja um biblista de longa data, é um helenista reputado, um tradutor premiado, um literato que tem feito incursões por diferentes gêneros sem abdicar de sua carreira acadêmica na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Doutor em línguas e literaturas clássicas, Frederico Lourenço se tornou o tradutor de versões conceituadas das obras homéricas, as quais também foram publicadas no Brasil pela editora Companhia das Letras (Homero, 2011; 2013). Além da “Ilíada” e da “Odisseia”, traduziu Sófocles, escreveu romances, publicou ensaios eruditos sobre a cultura grega, publicou uma “Nova gramática do latim” (Lourenço, 2019), etc. Na poesia, estreou como o autor de um livro chamado “Santo Asinha e outros poemas” (Lourenço, 2010), seguido pela publicação de “Clara suspeita de luz” (Lourenço, 2011).

É conhecido, também, o romance “Pode um desejo imenso” (Lourenço, 2015), uma narrativa que faz o leitor especular frequentemente sobre os possíveis cruzamentos entre a ficção e a biografia de Lourenço. Protagonizado por Nuno Galvão, um acadêmico bem-sucedido de Lisboa que estuda a obra de Camões, que é apaixonado por música erudita e escreve poesias, o romance traz uma cena especialmente interessante em que o espaço e os símbolos da religiosidade cristã servem à transformação da personagem numa autêntica experiência espiritual de caráter laico. Essa cena, aliás, foi apontada pelo próprio autor como “o momento mais alto, até hoje, da minha escrita” (Lourenço, 2015, p. 435). Lourenço criou, no interior de seu romance, o que se poderia chamar de “momento de iluminação”, “quando temos certos baques avassaladores, em que tudo nos surge com lógica, com perfeita clareza [...]” (Lourenço, 2015, p. 466). O evento opera como *turning point* na trajetória de Nuno Galvão e, embora se passe num ambiente religioso, uma pequena capela (a ermida do Senhor dos Aflitos, na Arrábida), conduz a personagem a um momento que, consensualmente, os cristãos não tomariam como sendo característico de um convertido.

O que ocorre é que Nuno é guiado por Concha (personagem adjacente, figura tutelar daquele capítulo) e penetra o escuro da solitária capela onde pôde ler as seguintes palavras: “Se és Cristo, salva-te”. O narrador acrescenta: “A legenda escrita a azul, desgarrada do escárnio que lhe informava o contexto na Sagrada Escritura, parecia encerrar em cinco palavras tudo o que havia para dizer acerca de Deus, por um lado, e da condição humana, por outro” (Lourenço, 2015, p. 97). A visita inesperada à isolada ermida, o frescor proporcionado pelas paredes azulejadas e a leitura “sensibilizada” da desconectada passagem bíblica conduzem Nuno Galvão, repentinamente, a um estado de lucidez, à tomada de decisões que antes pareciam difíceis. Em suma, ele resolve abandonar a vida que vinha levando, desistir das tentativas de encontrar a felicidade afetiva com namoradas, assumir as consequências de uma homossexualidade que manteve oculta da maioria e tentar, apesar das dificuldades, levar adiante uma relação com Vicente, um colega de trabalho (Lourenço, 2015).

A virada na história do personagem de Frederico Lourenço, como anunciado, se dá por meio de uma apropriação pessoal e nada dogmática de objetos pensados para finalidades religiosas. A narrativa mostra que, na opinião do autor, a liberdade com que um erudito contemporâneo toma decisões a respeito de sua vida não torna a tradição religiosa obsoleta. Pelo contrário, desprendido dos limites de qualquer ortodoxia, seu personagem, de alguma maneira ainda vinculado à tradição cristã e por isso sensível aos impulsos significantes dos objetos produzidos pela religião, é surpreendido pela força subjetiva desse contato e passa a criar sentidos próprios e tirar proveito dos símbolos da fé cristã, alcançando uma rara e inesquecível experiência transformadora que independe da mediação direta e controlada de qualquer instituição religiosa.

Mas não é preciso seguir especulando sobre a ficção de Lourenço para que se entenda como ele está entre aqueles que se apropriam das produções religiosas dentro de uma cultura secularizada. Quanto à Bíblia, Lourenço é um leitor admirador; um crítico capaz de afirmar, por exemplo, que “a Bíblia pode ser lida como o mais fascinante livro alguma vez escrito”, que é um texto “de riqueza inesgotável, de ímpar magnificência expressiva, e onde encontramos do mais arrebatador e do mais comovente que a mente humana alguma vez terá conseguido imaginar” (Lourenço, 2017, p. 11). Sem economizar elogios, ele aponta os primeiros capítulos do Evangelho de Lucas como “o texto mais encantador alguma vez escrito em língua grega” (Lourenço, 2017, p. 35); afirma, a respeito do Evangelho de Marcos, que é um “dos livros mais arrebatadores que já foram escritos” (Bíblia, 2017, p. 159) e, noutro lugar, apresenta o Apocalipse de João como “um dos mais fascinantes textos alguma vez escritos” (Bíblia, 2018b, p. 550).

Porém, o entusiasmo do leitor não resulta, como muitos esperariam, em qualquer tipo de compromisso religioso. Em uma obra que reúne ensaios sobre passagens bíblicas intitulada “O livro aberto: leituras da Bíblia”, o autor oferece pistas de sua prática de leitura e de sua maneira pessoal de

lidar com a tradição textual da Bíblia. Longe de ser um fundamentalista, Lourenço é capaz de se admirar com o valor literário dos textos bíblicos sem supor que a personagem de muitas faces que os autores bíblicos chamaram de Deus tenha qualquer existência extratextual: “se Deus existe, ‘quem ele é’ terá provavelmente a corresponder a uma realidade bem diferente daquela que imaginaram os autores da Bíblia” (Lourenço, 2017, p. 73).

A Bíblia Grega eleita como objeto de estudo para falar do tratamento secular dos textos religiosos na contemporaneidade é, portanto, obra de um helenista competente, um acadêmico prolixo, um artista criativo e um europeu agnóstico. Além da tradução rigorosa, literal, desfamiliarizante (Funari, 2018), que promete “dar a conhecer o texto bíblico num formato que, tanto no que toca à tradução como aos comentários, privilegia de forma não doutrinária, não confessional e não apologética a compreensão do texto grego” (Bíblia, 2017, p. 18), que “não esconde as realidades inconvenientes” e que “não disfarçou as frases incômodas, não limou as arestas, nem as passagens misóginas e homofóbicas” (Guerrero, 2016, *online*), a Bíblia de Lourenço possui outras características que a distinguem das Bíblias desenvolvidas para usos religiosos: considere-se, de saída, o fato de que a Bíblia de Lourenço está sendo publicada desde 2016 e ocupará, quando completa, nada menos que seis grandes volumes. A edição portuguesa da editora Quetzal apresentou, até aqui, dois volumes dedicados aos livros do Novo Testamento, um terceiro exclusivo para “Os Livros Proféticos” e o volume IV (que ocupa dois tomos lançados separadamente em 2019), com a extensa coleção conhecida como “Os Livros Sapienciais”. Trata-se, como se vê, de uma obra que está em produção, sendo aguardados com expectativa os volumes V (com os “Livros Históricos”, também em dois tomos) e VI (com a “Torá”). No Brasil, a editora Companhia das Letras publicou, até agora, os três primeiros volumes da obra (respectivamente em 2017, 2018 e 2019), mas vale destacar o fato de que essa obra em evolução já conta com uma segunda edição de seu primeiro volume (revisada e aumentada) que só foi lançada em Portugal (Bíblia, 2018a). Disso tudo, o que se conclui de um ponto de vista prático é que essa grande coleção não é uma obra concebida para que o leitor a carregue até um local de culto em que porções da “Palavra de Deus” são lidas coletivamente.

Um segundo fator – ainda mais decisivo –, para que a Bíblia de Lourenço seja vista como uma obra destinada à apropriação secular é o próprio texto grego de que parte o tradutor: ele escolheu, pela afinidade que tem com o idioma, trabalhar exclusivamente sobre uma edição crítica dos textos gregos, o que o levou à produção de uma Bíblia não canônica. O Novo Testamento, como se sabe, foi todo escrito em grego, pelo que bastou o acesso à conhecida e acessível edição crítica alemã de Nestle-Aland para que a nova tradução tivesse início. Todavia, para o Antigo Testamento – cuja versão preferida pela crítica textual é a do Texto Massorético, escrito em hebraico e produzido a partir de testemunhos manuscritos criteriosamente copiados por volta do século X (Francisco, 2003) –, Lourenço optou pela Bíblia Grega que é chamada de Septuaginta (ou LXX). Desse modo, o que a Bíblia de Lourenço traz a partir de seu terceiro volume é a tradução de uma antiga versão dos textos bíblicos em grego que foram produzidos em meados do século III a.C. Essa coletânea, que teve enorme importância para as comunidades judaicas da diáspora e para os primeiros cristãos, caiu em desuso após o fechamento do cânone da Bíblia Hebraica em fins do século I d.C. e após a popularização da Vulgata latina entre os séculos IV e V e deixou de ser a fonte para a produção das “Escrituras” de ambos os grupos. Noutras palavras, o que se tem chamado de Antigo Testamento na Bíblia de Lourenço é uma antologia de textos que, partindo da edição crítica de Alfred Rahlfs, de 1935<sup>11</sup>, possui singular importância histórica e literária, ainda que não possa ser tomada efetivamente como Bíblia Sagrada por leitores ligados a qualquer das instituições religiosas atuais.

<sup>11</sup> Note-se que Lourenço não faz uso da edição crítica mais recente, que traz uma revisão da versão de Rahlfs dirigida por Robert Hanhart e que, convencionalmente, tem sido chamada de *Septuaginta de Rahlfs-Hanhart* (Septuaginta, 2006, p. 75).

Enfim, essa curiosa Bíblia laica apresenta uma criteriosa tradução de um valioso acervo da antiga literatura judaico-cristã numa edição que já teve seus méritos reconhecidos quando, em seu primeiro volume, foi considerada o acontecimento editorial do ano em Portugal (Milhazes, 2017) e rendeu ao tradutor uma homenagem com o Prêmio Pessoa, uma condecoração que homenageia os sucessos acadêmicos, artísticos ou literários da personalidade premiada. Por todos esses motivos, a Bíblia Grega de Frederico Lourenço está sendo colocada ao lado da Bíblia Hebraica de Robert Alter para servir como exemplo de livros religiosos que estão sendo, com sucesso, usados por pessoas cujos interesses não são primordialmente religiosos.

Para tratar do Salmo 2 a partir da Bíblia de Lourenço foi necessário manusear a edição portuguesa da editora Quetzal, publicada em Lisboa em 2019. Esse é o segundo tomo do volume IV, número que ainda não chegou às prateleiras das livrarias brasileiras.

Chegando à análise dos paratextos da Bíblia Grega de Lourenço, a comparação com a Bíblia Hebraica de Robert Alter se torna inevitável. Logo se nota que as introduções dos livros bíblicos são mais suscitas na Bíblia Grega, embora tratem, em linhas gerais, das mesmas preocupações. Em apenas dez páginas Frederico Lourenço aborda o significado da palavra Salmo, lida com dificuldades do gênero (lembrando que os textos a princípio pressupunham um acompanhamento musical), discute rapidamente questões de datação, destaca a evidente multiplicidade dos pontos de vista religiosos preservados na coleção ao dizer que “estes textos não transmitem uma teologia unitária, mas sim vários entendimentos da ideia de Deus” (Bíblia, 2019, p. 15), passa pela difícil problemática daqueles que procuram identificar os traços distintivos da poesia hebraica, expõe os desafios de ter que traduzir o que já é uma tradução de um conjunto de fragmentos poéticos, dá a conhecer a influente categorização dos Salmos proposta por Hermann Gunkel na primeira metade do século XX, trata da tradicional vinculação dos Salmos à memória do rei Davi e, para arrematar, faz considerações sobre a recepção criticando as leituras religiosas que são seletivas e fazem com que “alguns versículos incômodos nunca vejam, liturgicamente, a luz do dia” (Bíblia, 2019, p. 21).

Há ainda outros elementos paratextuais relativos à edição dos Salmos que são particulares à Bíblia de Lourenço: por trabalhar sobre a Septuaginta sem perder de vista o fato de que seus leitores estão mais habituados ao manuseio de Bíblias que traduzem os Salmos desde o Texto Massorético, o tradutor se preocupa em abrir cada novo Salmo com uma dupla referência numérica. Ou seja, ele oferece, à cabeça de cada Salmo, o número com que ele é identificado tanto na Bíblia Grega quanto na Bíblia Hebraica, de modo que o leitor, ao procurar pelo famoso Salmo 23 (conforme a Bíblia Hebraica), por exemplo, notará que ele é o Salmo 22 da Septuaginta. A divergência numérica, nesse caso, se dá a partir do Salmo 9, que foi dividido em dois (Salmos 9 e 10) na Bíblia Hebraica. Por falar em particularidades, a coleção dos Salmos na Bíblia de Lourenço conta ainda com um Salmo 151 (inexistente na Bíblia Hebraica) e é seguida por uma grande tabela comparativa que coloca lado a lado alguns dados como a numeração dos Salmos na Bíblia Hebraica e Septuaginta/Vulgata, as palavras iniciais (*incipit*) de cada Salmo nas versões grega e latina (saltério *iuxta Hebraeos*, elaborado por Jerônimo) e uma coluna com uma classificação tipológica que deriva de obras de referência da área (Bíblia, 2019).

Disso tudo, o que se entende é que Frederico Lourenço quer ler os Salmos fora das instituições religiosas e que, além de incentivar uma leitura sem suavizações (opção que se reflete na tradução), se interessa, sobretudo por questões literárias e históricas, assim como por questões de gênero, por análises dos padrões composicionais da poesia bíblica, pela forma como essa extensa antologia poética dá acesso a imaginários religiosos do passado e pela história dos textos que, depois de nascidos, sofrem modificações, revisões, reedições, etc.

O texto do Salmo 2, traduzido do grego a partir da Septuaginta de Rahlfs, ficou assim após o olhar de Frederico Lourenço:

<sup>1</sup> Por que bramiram as nações  
E os povos ponderaram coisas vazias?  
<sup>2</sup> Compareceram os reis da terra;  
E os chefes juntamente se reuniram  
Contra o Senhor e contra o Seu ungido.

*Interlúdio*

<sup>3</sup> Quebremos os grilhões deles  
E atiremos para longe de nós o jugo deles.  
<sup>4</sup> Aquele que habita nos céus Se rirá deles;  
E o Senhor fará troça deles.  
<sup>5</sup> Então Ele lhes falará na Sua ira;  
E na Sua fúria os agitará.  
<sup>6</sup> “Mas eu fui estabelecido como rei por Ele,  
Em Sião, Sua montanha,  
<sup>7</sup> Proclamando o decreto do Senhor.  
O Senhor disse-me: ‘Tu és Meu filho;  
Eu hoje te gerei.  
<sup>8</sup> Pede-Me – e dar-te-ei nações <como> a tua herança  
E como posse tua os confins da terra.  
<sup>9</sup> Apascentá-los-ás com bastão de ferro;  
E como vaso de oleiro os esmagarás.”  
<sup>10</sup> E agora, ó reis, comprehendi!  
Sede instruídos, todos vós que julgais a terra.  
<sup>11</sup> Sede escravos para o Senhor com temor;  
E alegrai-vos n’Ele com tremor.  
<sup>12</sup> Agarrai-vos à instrução, não vá o Senhor irar-Se;  
E pereceréis a partir do justo caminho.  
Quando deflagrar com rapidez a fúria d’Ele,  
Bem-aventurado todos aqueles que n’Ele confiam (Bíblia, 2019, p. 25).

Nas notas, Frederico Lourenço se ocupa muito mais com as línguas originais do que Robert Alter. Por exemplo, sobre o verbo bramir (*phruáttô*), encontrado logo na primeira linha, ele diz que significa “à letras, relinchar ou resfolegar, sendo normalmente aplicado na sua forma depoente (*phruáttomai*) a cavalos” (Bíblia, 2019, p. 25, grifo do autor). Deveras, as notas de caráter linguístico são o ponto mais alto da vasta coleção de comentários produzidos por Frederico Lourenço e, quando se trata do Antigo Testamento, são muito ricas as observações que ele faz ao comparar o texto grego com as versões em hebraico e latim.

Ademais, o tradutor também se ocupa com a recepção e com a tradição cristã de leitura naqueles pontos em que, como visto antes, costuma-se impor ao texto um sentido cristológico que era originalmente imprevisto. Recorde-se que o salmista questiona uma suposta insurreição dos povos dominados contra o “ungido” de Deus, e a presença da palavra *khristós* no texto grego é motivo suficiente para suscitar esse tipo de debate. Em nota no versículo 2, o tradutor aborda a questão, expõe os caminhos mais pisados pela história da leitura e, sem compartilhar abertamente seu ponto de vista, deixa transparecer que a leitura cristã, por forçar o anacronismo, é a de menor plausibilidade.

Problema semelhante se dá quando, no versículo 7, se lê “Tu é Meu filho; / Eu hoje te gerei”. A respeito dessas palavras o tradutor se alonga: escreve sobre a divinização dos monarcas da Grécia e de Roma (recordando sua experiência como helenista e tradutor da *Ilíada*), trata da leitura cristã e do uso desse texto no Novo Testamento e aborda problema do ponto de vista da crítica textual ao tratar da tradução manuscrita:

[...] contrariamente ao que era habitual nas monarquias do Próximo Oriente (em que os reis eram considerados descendentes de um deus, quando não eram vistos, ele próprios, como deuses – e note-se que tanto a Grécia como Roma nos dão exemplos disso, desde os vários reis da *Ilíada* descendentes de deuses a Júlio César, descendente de Júpiter), no contexto monárquico de Israel o rei era visto como alguém que Deus adotava como filho. A corrente adocionista do primeiro cristianismo também interpretava assim a figura de Jesus, entendendo-o não como filho de Deus, mas como filho adotivo de Deus. O presente versículo é citado (como proclamação da voz do céu quando Jesus é batizado por João Batista) em Lucas 3:22 num manuscrito antigo do NT, o *Codex Bezae*: a razão pela qual está ausente de outros manuscritos pode ter que ver com a necessidade de refutar o adocionismo, corrente do primeiro cristianismo que a ortodoxia considerou herética [...] (Bíblia, 2019, p. 26).

Supõe-se que mais exemplos não são necessários para que se perceba, nas notas de Frederico Lourenço, quão longe se está de qualquer tipo de leitura religiosa do texto bíblico. A partir da leitura parcial desse conteúdo paratextual referente ao Salmo 2 é possível notar a grande atenção que se dá à tradução, à literalidade, à maior fidelidade possível para com o texto grego. A todo tempo vêm à tona a perícia do tradutor no manuseio dos idiomas, sua experiência prévia como tradutor de textos clássicos, sua curiosidade quanto aos manuscritos e sua vontade de atualizar o leitor no debate acadêmico, no saber histórico, na história da leitura. Destacam-se, todavia, os momentos em que Frederico Lourenço expõe as incoerências que nota entre os textos bíblicos e as leituras cristãs. Não se trata de um empreendimento apologético, de ações deliberadas de combate à religião; mas, mais que isso, da expressão espontânea de surpresa de um leitor que vai, enquanto lê, comparando os textos com as memórias herdadas da cultura católica em que se criou.

## Considerações Finais

De uma perspectiva comparatista, a apropriação secular da Bíblia tem mostrado que essa literatura, que nasceu e se perpetuou por meio das religiões, se tornou um patrimônio de amplo alcance, um livro que se fez mais estável que as próprias religiões que o canonizaram. O acesso à Bíblia vai, como foi visto, se desvincilhando das instituições tradicionais, ganhando independência e servindo como meio de contato entre formas de ser no mundo enquanto vincula culturas, tempos e lugares.

O principal impulso dessa secularização, todavia, não tem partido de leitores leigos, de comunidades leitoras desinstitucionalizadas, verdadeiramente autônomas. Entenda-se: para a maioria das pessoas é difícil sequer olhar para uma Bíblia sem que a força mediadora das religiões não condicione esse contato. Por conta disso, os atuais agentes do processo de secularização dos textos bíblicos são acadêmicos que, de maneiras mais livres do que em gerações anteriores, transformam os antigos textos religiosos em objetos de suas variadas pesquisas. Frederico Lourenço, por exemplo, deixou bem claro nas introduções de sua Bíblia Grega que seu trabalho na tradução segue uma tendência observada nas grandes universidades do mundo, onde a Bíblia tem encontrado lugar como objeto de estudo em cursos de diferentes áreas das

humanidades. De todo modo, ainda é possível afirmar que certas elites (ou grandes instituições) seguem exercendo considerável controle das práticas de leitura bíblica contemporâneas, estabelecendo os critérios válidos para seus usos. A novidade mais concreta é que essa apropriação institucional estendeu seus interesses nas últimas décadas e, dentre outros modos de usar a Bíblia, passou a considerá-la também de uma perspectiva estritamente literária.

É necessário reconhecer, contudo, que a apropriação secular/acadêmica dos textos bíblicos, ainda que não seja uma atividade que se possa dizer nova ou mesmo rara, ainda lidará por algum tempo com os empecilhos próprios de quem trabalha rompendo tradições: ocorre que as pesquisas acadêmicas em torno da literatura bíblica – especialmente as de caráter literário –, ainda despertam pouco interesse dos grupos religiosos majoritários, ao mesmo tempo em que um grande número de acadêmicos segue vendo a Bíblia como um objeto de valor estritamente religioso, como uma amostra de (baixa) literatura que (a não ser para considerações esporádicas) não merece tanto crédito. A despeito dos desafios a Bíblia vai lentamente ganhando espaço e, mesmo no Brasil, superando velhos preconceitos que impediam muitos de reconhecê-la, de uma perspectiva laica, como um dos textos mais importantes para a história da literatura ocidental. Os trabalhos de Robert Alter e Frederico Lourenço, estando entre as apresentações mais novas dessa rica antologia literária que chamamos de Bíblia, nascidas de maneira independente e em continentes separados, são excelentes sinais de que essa longa fase de extração dos textos religiosos para a cultura secular está superando antigos limites. A irrelevância parcial das velhas religiões nos meios eruditos tem sido, ao contrário do que se poderia supor, um processo que tem beneficiado a divulgação da literatura bíblica, permitindo o inédito contato não religiosamente mediado entre os leitores e aqueles velhos textos.

## Referências

- Alter, R. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- Alter, R. *The Hebrew Bible: a translation with commentary*. New York: Norton & Company, 2019.
- Alter, R.; Kermode, F. (org.). *Guia literário da Bíblia*. São Paulo: Fundação Editora Unesp, 1997.
- Andrade, F. S. Robert Alter e o “livro dos livros”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 5 jan. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0501200810.htm>. Acesso: 4 maio 2020.
- Berlinerblau, J. *The secular Bible: why nonbelievers must take religion seriously?* New York: Cambridge University Press, 2005.
- Bíblia. *Novo Testamento: os quatro Evangelhos*. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. v. 1.
- Bíblia. *Novo Testamento: os quatro Evangelhos*. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. 2. ed. rev. e aum. Lisboa: Quetzal, 2018a. v. 1.
- Bíblia. *Novo Testamento: apóstolos, epístolas, Apocalipse*. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2018b. v. 2.
- Bíblia. *Antigo Testamento: os livros sapienciais (Tomo 2)*. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. Lisboa: Quetzal, 2019. v. 4.
- Botton, A. *Religião para ateus*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.
- Britt, B. Robert Alter and the Bible as literature. *Literature & Theology*, v. 24, n. 1, p. 56-72, 2010.
- Dirda, M. Of the making of biblical tra... *The Washington Post*, Washington, Oct. 24, 2004. Available from: <https://www.washingtonpost.com/archive/entertainment/books/2004/10/24/of-the-making-of-biblical-tra/c9a33b02-0188-487d-8097-51db425765cc/>. Cited: May 5, 2020.

- Francisco, E. F. *Manual da Bíblia Hebraica*: introdução ao texto Massorético. São Paulo: Edições Vida Nova, 2003.
- Franco, C.; Rodrigues, C. S. Espiritualidade laica na contemporaneidade: ateísmo de concessão entre a racionalidade e a celebração emocional: o caso da Sunday Assembly. In: Congresso Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciência da Religião, 5., 2015, Curitiba. *Anais* [...]. Cutritiba: ANPTECRE, 2015.
- Funari, P. P. A. Bíblia. Novo Testamento, os quatro evangelhos. Traduzido do grego por Frederico Lourenço. São Paulo, Companhia das Letras, 2017. *Phaos: Revista de Estudos Clássicos*, v. 18, n. 1, p. 119-122, 2018.
- Guerrero, A. Uma Bíblia que “não esconde as realidades inconvenientes”. *Público*, [S. l.], 30 set. 2016. Disponível em: <https://www.publico.pt/2016/09/30/culturaipsilon/noticia/uma-biblia-que-nao-esconde-as-realidades-inconvenientes-1745324>. Acesso em: 3 jun. 2020.
- Homero. *Odisseia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- Homero. *Ilíada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- Lourenço, F. *Santo Asinha e outros poemas*. Alfragide: Editorial Caminho, 2010.
- Lourenço, F. *Clara suspeita de luz*. Alfragide: Editorial Caminho, 2011.
- Lourenço, F. *Pode um desejo imenso*. Lisboa: Edições Cotovia, 2015.
- Lourenço, F. *O livro aberto*: leituras da Bíblia. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2017.
- Lourenço, F. *Nova gramática do latim*. Lisboa: Quetzal, 2019.
- Magalhães, A. C. M. A Bíblia na crítica literária recente. *Teoliterária*, v. 2, n. 4, p. 133-143, 2012.
- Milhazes, A. C. Bíblia – vol. I, Novo Testamento, os quatro evangelhos. *Revista Pontes de Vista*, n. 2, 2017. Disponível em: <https://pontesdevista.wordpress.com/2017/01/18/recensao-a-frederico-lourenco-2016-biblia-vol-i-novo-testamento-os-quatro-evangelhos-lisboa-quetzal/#more-936>. Acesso em: 4 jun. 2020.
- Septuaginta: id est Vetus Testamentum Graece iuxta LXX interpres edidit Alfred Rahlfs (Editio altera quam recognovit et emendavit Robert Hanhart). Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.
- Steinberg, A. After more than two decades of word, a new Hebrew Bible to rival the King James: the pre-eminent scholar Robert Alter has finally finished his own translation. *The New York Times Magazine*, New York, Dec. 20, 2018. Available from: <https://www.nytimes.com/2018/12/20/magazine/hebrew-bible-translation.html>. Cited: em: May 4, 2020.
- Weitzman, S. Before and after the art of biblical narrative author(s). *Prooftexts*, v. 27, n. 2, p. 191-210, 2007.

Como citar este artigo/How to cite this article

Lima, A. O. Textos religiosos na cultura secular: características das Bíblias laicas a partir da análise do Salmo 2. *Reflexão*, v. 46, e214994, 2021. <https://doi.org/10.24220/2447-6803v46e2021a4994>